

FEIRA DAS MANAS: EMPODERAMENTO MULHERES MIGRANTES EM PALMAS-TO¹

Juliana Abrão da Silva Castilho ²
Marina Haizenreder Ertzogue ³

RESUMO

De uma comunidade de empoderamento feminino da *Internet*, surgiu a primeira feira exclusivamente formada por mulheres do Tocantins. A pesquisa que utilizou elementos etnográficos para compreender as representações sociais sobre gênero, sustentabilidade e economia, ancoradas ao imaginário coletivo do grupo, encontrou fatores geográficos relevantes para as participantes. Autodenominadas “Manas”, as participantes são majoritariamente migrantes, parte delas vivendo um processo chamado de *Care Circulation*, mas com características específicas ao contexto das migrações internas de mulheres. São mães, cônjuges e avós, que vieram para a mais jovem capital do Brasil dar suporte para o desenvolvimento econômico de seus familiares. A segunda parte é composta por migrantes estavam em busca de emprego e estabilidade econômica ao se fixarem em Palmas. Elas se uniram para comercializar produtos no ramo da economia criativa, como mecanismo de empoderamento social e econômico. Se reuniram, para tanto, em um feira itinerante, que quinzenalmente visita parques e praças da cidade. Além da renda obtida com a venda de quitutes, artesanatos ou pequenos bens de arte e consumo estas mulheres encontraram algo cujo o valor não pode ser mensurado em espécie: uma rede de apoio e reciprocidade. As Manas encontraram seu lugar na cidade.

Palavras-chave: Feira itinerante, Empoderamento Feminino; Migração interna; *Care circulation*.

ABSTRACT

From a female empowerment community on the Internet, emerged the first fair exclusively made up of women in Tocantins. The research that used ethnographic elements to understand social representations about gender, sustainability and economy, anchored in the group's collective imagination, found geographic factors that were relevant to the participants. Calling themselves “Manas”, the participants are mostly migrants, some of them experiencing a process called Care Circulation, but with characteristics specific to the context of internal migration of women. They are mothers, spouses and grandparents, who came to Brazil's youngest capital to support the economic development of their families. The second part is made up of migrants who were looking for jobs and economic stability when they settled in Palmas. They came together to sell products in the creative economy, as a mechanism for social and economic empowerment. To this end, they gathered at a traveling fair, which visits the city's parks and squares every fortnight. In addition to the income obtained from the sale of delicacies, handicrafts or small art and consumer goods, these women found something whose value cannot be measured in kind: a network of support and reciprocity. The Manas found their place in the city.

Keywords: Itinerant fair; Female Empowerment; Internal migration; Care circulation.

¹ Artigo é vinculado a pesquisa de doutorado da autora em coautoria com a orientadora.

² Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - TO e doutoranda da Universidade Federal - TO, juliana.castilho@ifto.edu.br;

³ Professora da Universidade Federal - TO, marina@mail.uft.edu.br.

INTRODUÇÃO

A investigação decolonial sobre a relação entre gênero e migração colabora para descortinar diversos fenômenos sociais tanto quanto analisar dinâmicas coletivas que influenciam diferentes áreas da sociedade contemporânea. Neste sentido, o uso desta perspectiva na análise das feiras de Economia Criativa permite-nos compreender a presença constante de mulheres, afetadas por migrações, em ocupações informais e muitas vezes precarizadas.

A Feira das Manas é uma feira solidária, do ramo da Economia Criativa. Um ambiente que reúne pequenas produtoras, artesãs, pequenas empreendedoras e artistas para apresentar e vender seus produtos. Com este propósito foi fundada em 2019 e atualmente funciona de forma itinerante, nos Parques, Praças e pontos turísticos na cidade de Palmas/TO. As Manas, para além de uma associação de feirantes, formam um coletivo de mulheres que tem como principal propósito o empoderamento feminino. Neste contexto, durante a observação de campo e entrevistas pode-se observar como a participação de mulheres em situação de migração interna contribui para a diversidade cultural e econômica do grupo. Este relato procura interrelacionar estas categorias fazendo a análise dos dados produzidas por uma pesquisa realizada junto à feira das Manas entre 2020 e 2023.

METODOLOGIA

O método de pesquisa etnográfico, combinando observações de campo a entrevistas semiestruturadas, foi a abordagem utilizada para produção de dados das participantes da pesquisa. É importante destacar que o coletivo de mulheres permaneceu estável durante o período de acompanhamento, apesar da tragédia que representou a pandemia de COVID-19. Em outubro de 2023 o grupo conta com 36 feirantes fixas e um cadastro de feirantes que eventualmente participam de exposições. A pesquisa que originou os relatos aqui expostos teve seu foco direcionado para a relação das categorias gênero, sustentabilidade e economia. Migração foi uma categoria decisiva para direcionar este relato, por ter emergido durante a produção de dados.

De acordo com Smith (2018) o método etnográfico é baseado na imersão no campo de estudo, permitindo à pesquisadora uma compreensão profunda das participantes do grupo, suas histórias de vida, seus valores, comportamentos e práticas. Durante a pesquisa de campo com

viés geográfico, foram realizadas observações em feiras e reuniões realizadas mensalmente pelo grupo, permitindo testemunhar, para além do comportamento do grupo e sua dinâmica de atuação as interações entre as participantes e a forma como, paulatinamente foram se tornando um grupo mais coeso e determinado para alcançar seus propósitos.

As observações foram realizadas em dias de feira, dois sábados por mês das 16h às 21h, de maneira itinerante, na Orla da praia da Graciosa, no Parque dos Povos Indígenas e no Parque Cesamar, além das feiras eventualmente ocorridas em outros espaços públicos, para os quais o grupo recebeu diversos convites para participar durante o período em que foram produzidos os dados da pesquisa. Conforme apontado por Massey (2008), a geografia é fundamental para a compreensão da relação entre espaço e sociedade e, ao adotar uma abordagem etnográfica, é possível capturar essas relações em detalhes. Assim, percebe-se a importância duas categorias interrelacionadas, território e lugar, como formas de moldar as estruturas de representação social que estruturam os comportamentos humanos, enquanto eixos de coordenação da observação e percepção da realidade das migrantes envolvidas nesta pesquisa.

Além das observações, as entrevistas são uma ferramenta importante para coletar informações dos participantes do estudo. Segundo Eckert e Rocha (2008) as entrevistas etnográficas buscam entender as experiências e percepções dos entrevistados, permitindo a produção de dados qualitativos que complementam as observações realizadas. As entrevistas podem ser estruturadas ou semiestruturadas, dependendo dos objetivos da pesquisa, e são conduzidas em um ambiente propício para o participante compartilhar suas vivências e conhecimentos.

Ao combinar observações e entrevistas, pode-se explorar tanto o comportamento das pessoas em relação ao seu ambiente geográfico, como também obter insights sobre suas perspectivas e experiências. Esse método de pesquisa é especialmente útil para entender como a geografia influencia a identidade cultural, as práticas diárias e o sentido de pertencimento de grupos específicos.

Outro instrumento utilizado foi a realização de entrevistas semiestruturadas, que foram muito importantes na construção de fontes de informação, pois buscavam sentido, significado e as representações sociais para o grupo em relação a gênero, migração e lugar. A pesquisa exigiu uma recolha cuidadosa de informação e uma análise precisa. A seleção dos entrevistados foi feita por meio de amostragem proposital, que se baseia na seleção de indivíduos que possam acrescentar informações desconhecidas ao estudo ou que necessitem de maior elaboração (MARCONI; LAKATOS, 2002).

Todas as entrevistas foram transcritas imediatamente após sua realização e todo material produzido foi organizado em categorias por meio de software apropriado para processamento de dados qualitativos, o *Atlas.ti*. Para a Análise de Conteúdo (AC), optou-se por utilizar a proposta de Bardin (1995) para coordenar a interpretação das informações da pesquisa e promover uma discussão mais segura dos resultados.

A AC oferece apoio para a produção e uso de dados qualitativos na pesquisa, gerenciando, mais amplamente, o contexto ou de apreendendo mais facilmente as intenções não explicitadas pelos interlocutores ao compor sua fala ou texto. Este método forneceu instrumentos para relacionar as entrevistas às unidades de significação e a categorias elegidas para análise e assim decodificar as informações que poderiam se dispersar nas entrevistas sem uma codificação criteriosa. Foram produzidas entrevistas com 32 pessoas, em alguns casos mais de uma vez. A AC é mecanismo eficaz para exames de grandes volumes de texto, pois permite a coleta de informações e sintetização de conteúdo através de categorias e unidades de conteúdo, assim o método oferece técnicas e modelos para extração de significados temáticos ou lexicais, relacionando, por exemplo, a frequência da citação de temas, palavras ou ideias (CHIZZOTTI, 2010).

A proposta da AC pressupõe que, após coletadas as entrevistas ou depoimentos, o pesquisador destaque as expressões chaves que representam o pensamento do entrevistado sobre um dos temas abordados. Nesta pesquisa temas como o processo de migração, o estabelecimento de alternativas de empoderamento feminino e a saída da condição de dependência do conjuge ou de outros familiares foram bastante abordados pelas participantes durante as entrevistas.

O projeto de pesquisa passou por criteriosa análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins a fim de garantir e preservar os interesses e a dignidade das envolvidas em seu desenvolvimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

O decolonial e a realidade de quem tenta se descolonizar

O meio acadêmico, em especial em populações que sofreram duros processos de colonização, busca constantes alternativas de autonomia intelectual do ocidente, na percepção dos problemas, tanto locais quanto estruturais, para entender as vivências humanas.

A teoria da descolonização através do olhar de Anibal Quijano, refletida em suas principais obras como o artigo "Colonização e Modernidade/Racionalidade" (1992), demonstra como o sistema colonial, estabelecido durante a conquista europeia do continente americano,

criou uma hierarquia global baseada na exploração e dominação do que era considerado inferior. Quijano (1992) argumenta que esta lógica colonial permanece incorporada nas estruturas sociais atuais mesmo depois do fim oficial do colonialismo. Ele chama esta persistência de “colonialidade do poder” e argumenta que as lutas de descolonização envolvem uma análise crítica das estruturas e práticas sociais que perpetuam a opressão e a marginalização dos grupos colonizados. Propõe então a necessidade de reinventar conceitos e práticas baseadas em relações mais igualitárias e descoloniais. A teoria da descolonização de Quijano influenciou a investigação e os movimentos sociais em todo o mundo, desafiando as perspectivas dominantes sobre o desenvolvimento e promovendo uma análise crítica dos legados coloniais e das suas consequências. O seu trabalho é fundamental para a compreensão das estruturas de poder por trás da desigualdade e inspirou a busca por mudanças sociais mais justas e libertadoras.

Os estudos decoloniais (ou descoloniais) proporcionam um olhar crítico sobre as práticas sociais e as suas interligações, permitindo-nos identificar como as dinâmicas interseccionais de gênero e migração se manifestam na prática. É importante expor como o próprio feminismo tradicional reproduz, frequentemente, relações de poder e opressão, ignorando a diversidade das experiências das mulheres em todo o mundo, em especial no que tange a relação dos povos colonizados com os povos europeus e estado-unidenses. Em pesquisas sobre o tema faz-se relevante considerar as dimensões culturais e históricas da opressão de gênero, reconhecendo as diferenças e especificidades de cada contexto. A tradução cultural, como proposta por Cláudia Costa (2012), enquanto ferramenta para o conhecimento feminista e a circulação do conhecimento, joga luz na necessidade de repensar as formas tradicionais de tradução que muitas vezes ocultam as vozes das mulheres e reproduzem as hierarquias de gênero.

A colonialidade de gênero, que se refere às formas de opressão e dominação estabelecidas através dos processos coloniais, deve ser criticada. É necessário repensar os modelos dominantes de conhecimento construídos a partir de uma perspectiva eurocêntrica e valorizar o conhecimento produzido por mulheres em contextos coloniais.

Por exemplo, pode observar-se que as mulheres imigrantes podem enfrentar barreiras adicionais ao entrar no mercado de trabalho devido a estereótipos de gênero e à discriminação, por um lado, e devido à falta de uma rede de apoio, necessária quando se é mãe e não tem acesso a instituições públicas para fornecer a cadeia de cuidados necessários para as crianças. Por outro lado, buscou-se investigar como as práticas da economia criativa nas feiras perpetuam as hierarquias de gênero e as relações de poder.

A globalização afeta as mulheres no mercado de trabalho e contribui para a desigualdade de gênero, por ampliar a desigualdade entre homens e mulheres. Esse processo decorre do aumento da flexibilização do trabalho, o que resulta em condições de trabalho precárias, como salários baixos, longas horas de permanência no ambiente de emprego e falta de proteção social. Para além destes fatores muitas estão sujeitas à informalidade e à precarização, especialmente aquelas que estão em ocupações de baixa remuneração, como o trabalho doméstico e o trabalho informal. Segundo Gabriela Cunha e Fernanda Fuentes (2006). Esta é uma das repercussões econômicas de uma estrutura patriarcal que permeia as empresas e a sociedade, onde as mulheres são subvalorizadas e suas habilidades e contribuições são negligenciadas, e um dos motivos que direcionam mulheres para a Economia Criativa. Ao relacionar gênero e trabalho percebe-se as dinâmicas que envolvem o tema estão profundamente enraizadas ao modelo de sociedade constituído, o que leva os problemas vivenciados por inúmeras mulheres, da perspectiva individual para a coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram as imposições do patriarcado sobre as mulheres migrantes no interior do Brasil que, em primeira instância serviram como fator motivador para a criação da Feira das Manas, a maior parte delas, pequenas produtoras e artesãs, que se sentiam apartadas do processo produtivo urbano e isoladas em casa. Outro ponto relevante a ser considerado é que as estas migrantes geralmente são responsáveis por múltiplas formas de cuidado, atuando tanto no mercado de trabalho remunerado, quanto nos cuidados domésticos e familiares não remunerados. Essa dualidade de papéis pode levar a sobrecarga emocional e física, além de resultar em desafios para conciliar as responsabilidades pessoais e laborais.

É relevante destacar que, por ser fundado junto à constituição de 1988 o Tocantins é um estado jovem, para o qual, desde o final da década de 1980 a dinâmica migratória se intensificou. Em especial os novos moradores chegam ao estado para viver e trabalhar na mais recentemente fundada capital do país: Palmas. Uma cidade planejada que, no imaginário propositalmente constituído, promete oportunidades, modernidade e qualidade de vida. Esta estratégia imagética é comumente utilizada para atrair migrantes para novos espaços urbanos. A concepção de cidade parque, ou cidade verde, vai, junto a oferta de trabalho e oportunidades de negócios, atrair muitos novos moradores para a capital.

Assim como os fluxos migratórios tem um claro viés de gênero, é possível observar que o deslocamento de mulheres dentro do próprio país tem dois motivadores básicos: a busca de trabalho ou o acompanhamento de familiares. Nesses casos, as mulheres muitas vezes optam

por migrar para regiões urbanas em busca de melhores oportunidades de emprego ou de educação para seus filhos. Além disso, é importante considerar as diferentes realidades vividas por esses indivíduos.

As mulheres, em especial as que foram entrevistadas na pesquisa, vieram para Palmas/TO como parte desse fluxo migratório, algumas em busca de emprego, grande maioria acompanhando suas famílias. A crescente prevalência da migração feminina no Brasil nas últimas décadas teve um impacto significativo na relação entre trabalho e gênero. Na análise deste tema é importante ter em conta as diferentes motivações e características deste fluxo migratório, bem como as condições de trabalho e as desigualdades de gênero que ainda existem no nosso país. Percebe-se que a imigração de mulheres brasileiras está em grande parte relacionada a oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Muitas mulheres procuram oportunidades em cidades ou regiões onde a atividade econômica é mais promissora, como indústria, comércio e serviços. Estas oportunidades tendem a ser menores nas suas áreas de origem, especialmente em áreas rurais ou áreas com infraestruturas deficientes. Assim como Palmas, uma capital que permaneceu um grande tempo em construção e que por fatores populacionais não apresenta características presentes em grandes aglomerados urbanos. Algumas entrevistadas expressaram esses fatores em suas entrevistas.

Quando eu me mudei para Palmas, eu esperava uma cidade mais desenvolvida, porém como era uma cidade que ainda estava em construção, na realidade, por ser muito nova, ela não sofreu todas as minhas expectativas, pois eu achava que eu conseguiria ter aqui muito mais infraestrutura, de lazer, e não tínhamos, até em termos de estudo, deixava a desejar, agora não, após 22 anos estando aqui na cidade de Palmas, ela já é uma cidade que supre boa parte das minhas expectativas. (Suen, 48 anos, produz e comercializa bolos e salgados na Feira das Manas. Entrevista concedida em 09 de março de 2023).

Eu já tinha ido para o Amazonas, eu morei quatro anos lá no Amazonas, porque o meu marido é funcionário, era funcionário da Eletronorte, né? Mas assim, eu morei na vila lá, no meio da selva amazônica, entendeu? E Manaus é uma cidade grande, movimentada. Então, quando eu cheguei aqui em Palmas, a visão que eu tive, que seria uma cidade tipo interiorana, não seria uma capital igual Brasília, nem igual Manaus. E aí, Palmas foi crescendo, foi surpreendendo a gente. (Janeide, 61 anos, produz e comercializa objetos de decoração em MDF e Capim dourado, e à época da entrevista atuava como coordenadora junto à Feira das Manas. Entrevista concedida em 20 abril de 2023).

Embora os estudos sobre a relação entre gênero e migração tenham evoluído substancialmente, em especial pela realização de estudos demográficos e estatísticos sobre o tema do deslocamento de mulheres pelo globo, a abordagem dos mecanismos de subsistência utilizados pelas migrantes ainda não demonstra a amplitude que o tema abarca, em especial quando se trata das migrações internas no Brasil. Segundo (CHAVES, 2009) dois fatores são

preponderantes para entender as motivações de mulheres para migrar internamente: os arranjos familiares e o mercado de trabalho.

A íntima relação entre economia, fluxo migratório e gênero ocasiona um campo de atuação amplo e único. Ao compreender a dinâmica interseccional estabelecida, pode-se evidenciar as desigualdades e os desafios enfrentados pelas Manas, no contexto em que estão inseridas. Espaços de diálogo e de trabalho são ações promovidas pela feira que propiciam a participação ativa de mulheres no meio social, permitindo o seu acesso a oportunidades econômicas e sociais. A inclusão perpassa por garantir equidade em oportunidades de criar, conceber e manter negócios, no caso das pequenas produtoras e artesãs. Este suporte, por si só, não evita discriminações de gênero, mas promove a igualdade de condições para todas as mulheres que acabaram de chegar em um novo lugar. Pois muitas delas se mudam de seus locais de pertencimento acompanhando conjugues e deixam para trás suas famílias, seus clientes e/ou sua ocupação laboral, como verificamos na narrativa a seguir.

Há cinco anos atrás eu mudei para Palmas. Viemos eu, meu filho e meu marido, só nós três, sem mais ninguém da família, sem ninguém, sem amigos. Me virei sozinha, na capital, né? (Giane, 44 anos, produz e comercializa bonecas de pano na Feira das Manas. Entrevista concedida em 09 de setembro de 2021).

As migrantes que vivem essa situação, se veem sem qualquer suporte. Sem uma rede de apoio pessoal, dedicar tempo na construção de uma carreira, ou de uma base sólida que proporcione sustentabilidade econômica e amparo social, se torna um grande limitador. Essa é a realidade para as migrantes no Brasil, em especial para aquelas que acompanham a família.

A pesquisa buscou revelar a intersecção entre gênero e migração. É importante compreender os padrões migratórios, identificar as principais fontes e destinos da migração involuntária feminina e discutir o impacto desse fenômeno em diferentes regiões do Brasil. Somente pesquisas que analisem as motivações pode aprofundar as investigações destes fatores. Segundo Alice Romano e Adolfo Pizzinato (2019) é possível identificar padrões de feminização da migração involuntária no Brasil. Esta pesquisa demonstrou como as mulheres são desproporcionalmente afetadas e enfrentam desafios específicos neste contexto de migração.

Resolvi morar em Palmas no final de 2018, novembro. Meu filho e minha nora eram as únicas pessoas que conhecia aqui. Precisava fazer clientes, porque deixei todos os meus no Rio. (Renata, 54 anos, produz e comercializa bolos e sucos e atuou como coordenadora na Feira das Manas. Entrevista concedida em 02 de maio de 2022).

O meu marido era funcionário da Embratel e ele recebeu uma transferência. E nós tínhamos três opção, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, exatamente em Cuiabá e Palmas. E eu decidi Palmas. Eu quem escolhi Palmas, que era uma cidade começando e era um recomeço na nossa vida, no nosso casamento e ajudar na construção de uma nova cidade. (Marta Maria, 66 anos, produz e comercializa objetos de decoração em Capim Dourado na Feira das Manas. Entrevista concedida em 19 de abril de 2023).

O termo *Care Circulation* exprime a dinâmica das mulheres que exercem um fundamental de cuidado doméstico e com os familiares e por esse motivo são parte do fluxo migratório, seja enquanto filhas de pais idosos, mães ou esposas. As migrantes que buscam emprego nos grandes centros urbanos perfazem um segundo grupo. Em seus locais de origem elas estavam, e em sua maioria, sujeitas a vagas precarizadas do mercado de trabalho, trabalhos informais, associadas aos serviços domésticos (CHAVES, 2009). A migração pode, portanto, representar uma estratégia de sobrevivência e progresso social para estas mulheres, conforme o relato abaixo.

Eu vim pra cá [Palmas/TO] por uma propaganda de que aqui havia concursos, havia possibilidades de trabalho, e eu peguei essas possibilidades pra mim. Palmas supriu essas expectativas do ponto de vista de me proporcionar concursos. Eu fiz três concursos, fui aprovada em três concursos, então eu tenho trabalho, eu tenho uma carreira, eu tenho estabilidade financeira e isso eu consegui aqui em Palmas, por conta da propaganda que era verdade. (Albânia, 47 anos, produz e comercializa velas aromáticas e perfumaria de ambientes na Feira das Manas. Entrevista concedida em 17 de maio de 2023).

Outro fator a considerar é a carga desproporcionada do trabalho doméstico e dos cuidados que muitas vezes recai sobre as mulheres, mesmo depois de migrarem. A combinação de instabilidade profissional e dupla jornada de trabalho faz com que enfrentem dificuldades para conciliar vida profissional e familiar, afetando diretamente a sua qualidade de vida e bem-estar, estando em um ambiente que é desconhecido.

A gente chega com costumes diferentes e aí aqui são outros costumes, é outro jeito de lidar com as coisas. Você chega aqui e não tem ninguém pra te ajudar, pra falar: “Olha! Ali é um lugar bom pra você ir”. Eu levei muitos “não” na cara. Hoje eu coloco em duas lojas aqui. Mas eu levei que uns trinta “não”. (Beatriz, 30 anos, produz e comercializa laços de fita e acessórios infantis, peças de arte sacra e atua como coordenadora na Feira das Manas. Entrevista concedida em 06 de agosto de 2022).

Além disso, existe desigualdade de gênero no mercado de trabalho. A realidade perpassa por diversas situações: a ausência de políticas públicas que garantam a proteção de direitos, e de assistência social, como creches, licença de maternidade e políticas de igualdade salarial, que oportunizariam a estabilidade de emprego ou o desenvolvimento de um negócio. Estes fatores exacerbam as diferenças entre homens e mulheres migrantes no ambiente urbano, perpetuando e reforçando as desigualdades de gênero.

A Feira das Manas: migração e gênero num lugar comum

A iniciativa de criar um grupo de pequenas produtoras e artesãs surgiu em uma comunidade no Facebook chamada “Indique uma Mana no Tocantins (IUMT)” e rapidamente se tornou um meio de empoderamento social e econômico das mulheres do município de Palmas/TO. Este é um espaço importante de sororidade e empoderamento para as migrantes

que se vem em um novo espaço urbano, sem uma comunidade de apoio e com poucas oportunidades de estabelecer relações sociais e de trabalho. A feira foi planejada a partir de uma publicação para as participantes em 28 de novembro de 2018. A proposta era uma exposição com venda de produtos de pequenas produtoras residentes em Palmas. A feira nasceu do apelo por empoderamento econômico e teve como objetivo orientar a resistência das mulheres à opressão associada ao capitalismo, uma vez que passa a valorizar no grupo a permanência de mulheres que produzam artesanato, obras de arte, confeitaria, dentre outros.

Achei ótima oportunidade pra vender meus bolos e começar a conhecer novos clientes. Porém seria uma feira improvisada, sem autorização e os comerciantes locais não aceitaram e denunciaram pra prefeitura. A feira foi cancelada. (Renata, 54 anos, produz e comercializa bolos e sucos e atuou como coordenadora na Feira das Manas. Entrevista concedida em 02 de maio de 2022).

Então gente planejou fazer artesanato e coincidiu que algumas pessoas começaram a organizar uma feira na Praça dos Povos Indígenas, juntando algumas mulheres para mostrar produtos artesanais e eu entrei nesse grupo, que depois se transformou no grupo da Feira das Manas. (Kátia, 43 anos, produz e comercializa placas decorativas na Feira das Manas. Entrevista concedida em 13 de setembro de 2021).

A crescente sensibilização e das feirantes teve um papel fundamental na fundação do grupo. Isto deu através do encorajamento das mulheres para refletir e reconhecer a importância da união para o empoderamento feminino. O modelo de unidade familiar mais tradicional estabelecido pela investigação de gênero é a família uninuclear, em que a distribuição de poder entre homens e mulheres é desigual e as responsabilidades familiares estão concentradas nas mulheres, deixando-as numa posição econômica, conduzindo assim à desigualdade familiar (SORJ, 1992). A teoria feminista argumenta que quando se entra no mercado de trabalho, as estruturas patriarcais de dominação começam a se desestruturar. Porém, a participação mais ativa das mulheres no mercado de trabalho não é suficiente para mudar e quebrar sistemas de dominação (DI CIOMMO, 2003). Serão criados mais mecanismos de igualdade à medida que os grupos organizados tenham a oportunidade de dialogar com as autoridades e comecem a exercer influência nas dinâmicas sociais.

O modelo econômico dos países colonizados, especialmente aqueles que atuam enquanto periferia sistêmica, requer uma análise cuidadosa se baseada nas percepções dicotômicas geradas pelos processos coloniais por que passaram. A composição ideológica e imagética deste processo incorpora o poder dentro do modelo de civilização branca burguesa europeia (LUGONES, 2014).

Eu acho que é da união que vem a força. Todo mundo unido consegue fazer alguma coisa pela feira. Agora se começa a dispersar, e começamos a achar a feira é só porque precisamos ganhar o dinheiro e que não temos obrigação nenhuma com a feira, não vai funcionar. (Janeide, 61 anos, produz e comercializa objetos de decoração em MDF

e Capim dourado, e à época da entrevista atuava como coordenadora junto à Feira das Manas. Entrevista concedida em 20 abril de 2023.)

Os estudos decoloniais fornecem uma base teórica importante para a análise das feiras de economia criativa, destacando as desigualdades e os desafios que precisam ser superados para promover sociedades mais inclusivas e igualitárias. É necessário pensar no empoderamento não apenas em termos de indivíduos atrelados ao sistema econômico, mas de pessoas completas, dando autonomia a elas.

Economicamente nós temos algumas [Manas] que dependem exclusivamente do trabalho delas. Vender o produto na feira mudou a vida de algumas. Elas começaram a vender e esse dinheiro faz a diferença em casa. Faz diferença na vida delas. (Renata, 54 anos, produz e comercializa bolos e sucos e atuou como coordenadora na Feira das Manas. Entrevista concedida em 02 de maio de 2022).

A gente observa às vezes isso, sabe? O desabrochar do outro. Nem sempre o companheiro está preparado pra o desabrochar do outro. Às vezes ele não permite que a mulher dele... A companheira dele. Porque ela não é dele, né? Mas ele não entende que ela não pertence a ele. (Suen, 48 anos, produz e comercializa bolos e salgados na Feira das Manas. Entrevista concedida em 09 de março de 2023).

O que mudou em minha vida nesse período graças à Deus, foram mudanças boas. Conquistei muitas coisas com meu trabalho, até da entrada na minha moto, que era um sonho distante. (Marielen, 31 anos, produz e comercializa peças em biscuit na Feira das Manas. Entrevista concedida em 16 de setembro de 2021).

A feira foi um divisor de águas! Antes eu era tímida, não tinha idealização de futuro pro ateliê, e pra nada. Eu não era empoderada e aí a gente vai convivendo com mulheres diferentes, com jeitos diferentes, com ideologias diferentes e aí as pessoas vão motivando e você vai se transformando sem querer. E é isso que aconteceu, porque eu não sou a mesma de quando eu comecei o ateliê lá em 2017 pra hoje. Sou completamente diferente. (Patrícia, 47 anos, produz e comercializa necessaires personalizadas na Feira das Manas. Entrevista concedida em 11 de julho de 2021).

Incontáveis são as histórias de empoderamento produzidas. É necessário pensar no empoderamento não apenas em termos de indivíduos que procuram superar-se e tornarem-se autônomos, mas a ação coletiva deve ser considerada dentro de processos sociais, históricos e políticos. Segundo Hirata (2014) “a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas e, portanto, como um instrumento de luta política”.

O direito à cidade é um conceito que engloba o acesso igualitário aos espaços urbanos e recursos, permitindo que os cidadãos tenham o direito de aproveitar e moldar a cidade de acordo com suas necessidades e desejos. No entanto, esse direito não é igualmente acessível para todos os grupos sociais, especialmente quando consideramos as disparidades de gênero e as relações de poder que se manifestam no espaço urbano. A sensação de sentir-se isolada e apartada do convívio urbano é uma das revelações que foram mais constantes durante diversas entrevistas ou relatos durante as observações de campo.

E meu serviço é dentro de casa eu fico muito isolada. Isso, justamente, isso também foi um dos meus objetivos de vir pra feira, porque é o único lugar que eu venho. Agora

eu deixo tudo lá em casa e venho, sabe? Pra mim, o principal foi o abrir de portas, sabe? (Maria Neuza, 58 anos, produz e comercializa pijamas e peças íntimas na Feira das Manas. Entrevista concedida em 22 de abril de 2023).

Quando mudei pra cá, do ponto de vista de acolhimento, não me senti incluída. Na proporção inversa de que Palmas é bela e te dá oportunidade, ela te torna um ser isolado. Eu olhava a paisagem, eu olhava para a cidade, e eu pensava o que eu estou fazendo aqui? (Albânia, 47 anos, produz e comercializa velas aromáticas e perfumaria de ambientes na Feira das Manas. Entrevista concedida em 17 de maio de 2023).

A obra de Ana Fani Alessandri Carlos (2007), contribui para a compreensão das questões relacionadas ao direito à cidade, que podemos aproximar à perspectiva de gênero. As pessoas são desigualmente afetadas pelas desigualdades espaciais e essas situações se perpetuam através das estruturas sociais e urbanas. É importante entender que o espaço urbano é construído e organizado de acordo com uma perspectiva masculina, em detrimento das mulheres.

A hierarquia de gênero, presente no espaço urbano influencia a vida das mulheres e limita suas oportunidades. A colonização da mulher, mesmo em espaço público, construiu uma imagem coletiva do feminino como submisso e seu lugar de pertença, neste caso é o ambiente doméstico do espaço da casa.

Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas [...] (RAGO, 1984, p.88).

Esta situação se torna esgarçada quando a mulher se percebe sem uma comunidade e um lugar de referência. Para além de entendermos a cidade como um ambiente excludente também devemos ter em mente que o urbano representa uma construção coletiva simbólica. Segundo Marc Augé (2012) o urbano apresenta dois tipos de espaços: o lugar e o não-lugar. Os lugares são espaços únicos de convivência e sociabilidade, significativos para os indivíduos, com os quais são estabelecidas relações simbólicas. Alguns destes ambientes representam a nossa cultura, tradições, ambições políticas ou artísticas, através das quais despertamos as nossas emoções. Neles os indivíduos se sentem pertencentes, no qual possam expressar uma identidade reconhecível e que estabeleçam relações com outros frequentadores, mesmo que seja apenas o compartilhamento de um sentido abstrato do lugar.

E das manas, falar das manas é... É algo significativo! Porque na Feira das Manas eu conheci pessoas que, em Palmas, sozinha, dentro da minha casa ou no meu ambiente de trabalho eu jamais conheceria. (Albânia, 47 anos, produz e comercializa velas aromáticas e perfumaria de ambientes na Feira das Manas. Entrevista concedida em 17 de maio de 2023).

Eu acho que se eu não tivesse entrado pra feira eu não estaria mais aqui em Palmas. Eu já teria mudado. Já! Já ia ter voltado para o Mato Grosso. Eu não ia aguentar em casa com três crianças não é fácil. (Beatriz, 30 anos, produz e comercializa laços de

fitas e acessórios infantis, peças de arte sacra e atua como coordenadora na Feira das Manas. Entrevista concedida em 06 de agosto de 2022).

Os relatos sobre a Feira das Manas ser, para além de uma ação de empoderamento feminino, um lugar de identificação e pertencimento para as migrantes em Palmas/TO (AUGÉ, 2012). Basta perceber que lugares, como a Feira das Manas cooperam, junto a outros fatores, para formar uma identidade social coesa, pessoal e coletiva, fazendo com que cada participante se perceba enquanto membro da comunidade. Esses são laços simbólicos representativos, relações afetivas com as outras participantes e com o ambiente da primeira feira itinerante, exclusivamente formada por produtoras mulheres do Tocantins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do Tocantins, assim como em outras regiões brasileiras, as mulheres têm acesso limitado a empregos formais e uma grande parcela delas é empregada em atividades informais. A maioria dessas mulheres é oriunda das classes mais baixas e enfrenta dificuldades econômicas significativas. Encontraram no artesanato e na produção de bens de consumo um mecanismo de renda. Porém se perceberam isoladas em um ambiente urbano pouco integrador.

A Feira das Manas parece articular, mesmo que não intencionalmente, as acepções do termo Manas: mulheres migrantes que uniram forças e propósitos para implementar uma atividade de feira com finalidade de divulgar e alavancar seus negócios no ramo alimentício e de artesanato, saindo da condição de exclusão. Sua essência conta com fatores que as une solidariamente em torno de um projeto: o empoderamento. Por meio da pesquisa, numa perspectiva humanística, buscou-se aprofundar a compreensão sobre como a feira dá sentido a existência de todas e cada uma, as tornando em um grupo coeso, que ao mesmo tempo prioriza as identidades de cada participante.

A criação da Feira das Manas e seu fortalecimento, embora tenha como princípio gerador o empoderamento econômico de mulheres, se fez enquanto lugar simbólico de pertencimento. Este artigo, para além de tratar da imigração enquanto fator de esgarçamento das relações de gênero no tecido urbano, buscou investigar no comportamento social das Manas e em suas representações sobre a migração, a cidade, a feira, e compreender a percepção coletiva de 'lugar'.

Os relatos e a observação de campo produziram dados suficientes, e parcialmente expostos neste documento, para entender que 'lugar' é uma categoria espacial, mas que também se relaciona fortemente às referências sociais das pertencentes do grupo. A Feira das Manas é

O local de pertencimento de cada uma, e têm um papel fundamental na formação da identidade pessoal e coletiva. Nela a Mana se permite ser um indivíduo completo e ao mesmo tempo parte de uma comunidade, estabelecendo vínculos emocionais e afetivos com o ambiente físico e com as pessoas que os frequentam ou habitam. Embora estejam vinculadas a uma feira itinerante. O ‘lugar’ (AUGÉ, 2012) da feira é onde as Manas estão e o lugar das Manas é a feira.

Diante disso, é fundamental que se desenvolvam estudos mais aprofundados sobre outros contextos das migrações femininas, a fim de identificar as especificidades dessas mulheres e propor soluções que promovam sua qualidade de vida e bem-estar. Em Palmas as mulheres da feira empoderaram-se e tem como propósito empoderar outras mulheres. Somente por meio de olhar atento e sensível para a situação de muitas outras realidades é que será possível promover uma maior igualdade de gênero nas sociedades ocidentais, reconhecendo e valorizando o importante papel das mulheres no cuidado, no trabalho e na sociedade.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9 ed. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CHAVES, M. F. G. Mulheres migrantes: senhoras de seu destino?: uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981/1991. 2009. 156 p. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

COSTA, Cláudia de Lima. Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber. **Portuguese cultural studies**, V. 4, N. 1, 2012.

CUNHA, G.; FUENTES, F. Mulheres, trabalho e globalização: gênero como determinante nos padrões globais de desigualdade. **Revista Ártemis**, [S. l.], n. 4, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2103>. Acesso em: 19 out. 2023.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423-443, 2003.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. **Iuminuras**, V. 9, N. 21, 2008.



HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, V. 26, N. 1, P. 61–73, 2014.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RAGO, M. **Do Cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROMANO, A. Q. T.; PIZZINATO, A. Migração de mulheres para o Brasil: interseções de gênero, raça/etnia e classe. **Trabajo social**, V. 21, N. 2, P. 197-213, 2019

SMITH, L. T. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: UFPR, 2018.

SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.